

CULTURA PROFISSIONAL

OPERAÇÕES DE GRUPAMENTOS TÁTICOS À BASE DE COMPANHIAS

Pelo Ten-Cel GEORGE H. RUSSELL (Traduzido da revista "ARMY", outubro/56, pelo Maj KLEBER ASSUMPCÃO).

O aparecimento de armamento tático atômico, nos levou a adotar a tática de dispersão em unidades de grupamentos elementares de combate. No âmbito do batalhão, essa orientação exige a aplicação dos princípios já conhecidos sobre dispersão. A idéia consiste em apresentar ao inimigo, de cada vez, elemento de valor máximo de batalhão, mas ainda assim apresentando suficiente poder combativo e coesão para evitar ser batido por parte em ataque não atômico.

Admitir que as unidades de efetivo de um batalhão são alvos secundários para armas atômicas, foi, seguramente, um passo na direção certa; parece, entretanto, que, mesmo esta concepção estará ultrapassada, em breve, se já não o estiver atualmente.

O suprimento de armas atômicas das grandes potências está aumentando rapidamente, e, à medida que este número aumenta, unidades de efetivo de um batalhão, já podem ser consideradas bons alvos para armas atômicas.

Não se pode pensar em perder unidades com este efetivo; por isso, deve-se empregar a dispersão dentro do batalhão, mas de maneira que seus elementos possam ser reagrupados rapidamente com o fim de impedir a exploração de êxito pelo inimigo, para em seguida serem dispersados. Não seria lógico que a providência a ser tomada fôsse a adoção de grupamentos táticos à base de companhias? É evidente que essas forças deverão possuir meios que lhes dêem mais mobilidade, maior potência de fogo e comunicações mais amplas, que as das companhias de fuzileiros atuais. Os meios acima referidos, estão à nossa disposição nos dias de hoje. De fato, algumas companhias tomaram parte em ações que exigiram que as mesmas fôsem dotadas de meios de molde a satisfazer a essas condições.

Como exemplo, vejamos a atuação de um grupamento tático à base de companhia, em uma ação na Coreia, que se iniciou na manhã de 24 de setembro de 1950. A situação não estava ainda bem definida (o que

será normal em uma guerra atômica), desde que as forças americanas tinham desafiado o perímetro do Rio Naktong. Elas haviam transposto o rio e estavam lutando com grupamentos inimigos de efetivo até de um batalhão. Forças inimigas de efetivos não conhecidos, estavam impedindo a travessia de forças americanas no ponto C (fig. 1).

O 1º grupamento tático à base de batalhão, depois de atingir Sinbani, recebeu ordens de verificar o dispositivo do inimigo a NW e eliminar as forças que impediam a travessia no ponto C.

O comandante do Batalhão organizou três grupamentos táticos à base de companhias de fuzileiros. O primeiro recebeu a missão de identificar as forças inimigas a NW, o segundo de atacar o inimigo no ponto C e o terceiro foi mantido em reserva. A bateria de artilharia que estava em reforço ao 1º grupamento tático de batalhão, encarregar-se-ia do apoio, atirando das vizinhanças de Sinbani. A companhia A era o elemento básico do grupamento encarregado de operar no ponto C; a ela foi dado em reforço uma secção de morteiro 81, uma secção de metralhadoras pesadas, uma secção de artilharia anti-aérea de canhões automáticos, auto-propulsados, um jipe-ambulância e um rádio SCR — 508 montado em um jipe, para as comunicações com o batalhão. No momento não havia disponibilidade em carros ou aviação do Exército, mas, se houvesse, teriam sido dados para agirem em proveito do grupamento.

Eles, no entanto, foram pedidos. Como os comunistas estavam usando minas em larga escala, foi dado, em reforço, um grupo de sapadores-remuniciadores do batalhão.

ORDEM TIPO "LIBERDADE DE AÇÃO"

O comandante da companhia A recebeu uma ordem do tipo acima, isto é, ele ficaria entregue à sua iniciativa, e agiria em uma zona bem mais ampla que na maioria das situações. Nas operações des-

centralizadas da guerra atômica, esse tipo de ordem será regra. Para ganhar tempo, o comandante da companhia decidiu deslocar sua tropa em coluna, ao longo da estrada. Para um maior controle da localização dos elementos subordinados, para a orientação dos fogos de apoio e visando inteirar o batalhão sobre sua situação, o comandante escolheu uma série de pontos-contrôle (1 a 18 fig. 1). Os pontos podem ser concentrados e numerados de acordo com o processo comum de numeração de alvos. Como o grupamento estava bastante isolado de outros elementos amigos e a situação inimiga era virtualmente desconhecida, seu comandante procurou obter sua segurança em todas as direções por meio de pequenas patrulhas. Um avião seria de grande valor para cooperar nessa missão.

O primeiro contato com o inimigo se deu no ponto 5, onde receberam fogos de fuzileiros e de metralhadoras leves. A patrulha de flanco, enviada ao ponto 7, informou que a região se achava livre do inimigo. O comandante da companhia, rapidamente, estabeleceu uma base de fogos com os morteiros 81, a secção de artilharia anti-aérea de canhões automáticos auto-propulsados e metralhadoras pesadas e atacou o inimigo instalado no Ponto 5 e no cruzamento de estrada próximo. Ao mesmo tempo ordenou que a patrulha do Ponto 7 progredisse, com a missão de reconhecer a povoação do Ponto 9 e identificar os pontos do curso d'água que se prestavam a uma travessia.

A ação inicial resultou na morte de 6 homens do inimigo e 1 prisioneiro, o qual declarou fazer parte de elementos de segurança de uma força localizada no Ponto 10.

O comandante deslocou seus elementos de apoio de fogos para o Ponto 8 e, com auxílio da artilharia instalada na zona do batalhão, iniciou uma neutralização sobre 10. Como a patrulha enviada ao Ponto 2 informasse negativamente sobre a presença de inimigo, o comandante decidiu desbordar o inimigo instalado em 10, atravessando

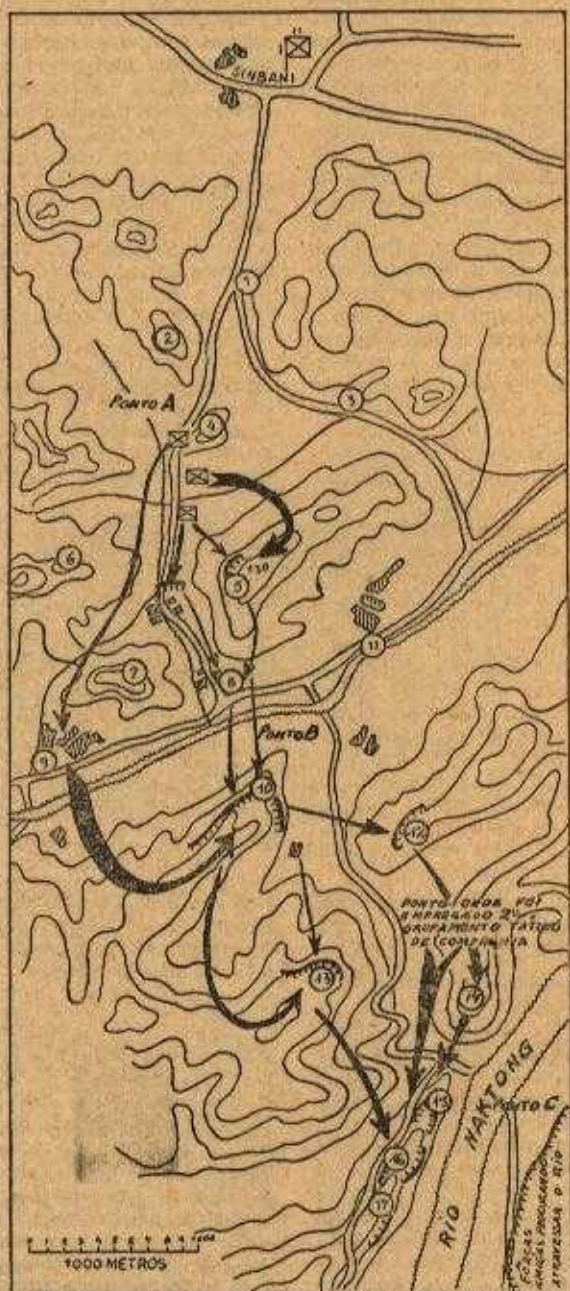


Fig. 1

o curso d'água em 9 e atacando pela elevação na direção N.

Vinte homens foram mortos e os remanescentes, presumivelmente pertencentes a uma companhia, foram desbaratados.

Empregando a mesma técnica, isto é, reconhecimento rápido, máximo apoio de fogos e desbarratamentos, a companhia conseguiu duas horas antes do cair da noite, limpar as posições nos pontos 12 e 13 e se apresentar, diante do inimigo, no Ponto 15. Desta vez parecia que tudo seria mais difícil, principalmente com a aproximação do anoitecer; por isso, o comandante do batalhão resolveu deslocar seu grupamento reserva, para secundar o grupamento A.

Este será, provavelmente, o comportamento em uma futura guerra:

de companhia, afastados, um dos outros, por intervalos bem maiores que os adotados hoje e apoiados por armamento atômico controlado pelos batalhões. O comandante do batalhão poderá reunir os grupamentos, quando for necessário, para vencer determinada resistência inimiga. Poderão ser postos à disposição do batalhão, helicópteros para serem empregados em envoltivos verticais executados pelos grupamentos.

TIPOS DE GRUPAMENTOS

Grupamentos à base de companhia reforçada, semelhantes ao mostrado na fig. 2, estão dentro das atuais necessidades. O modo de grupar esses reforços de fogos e outros elementos destinados a agi-

EXEMPLO DE UM GRUPAMENTO

TÁTICO DE COMPANHIA

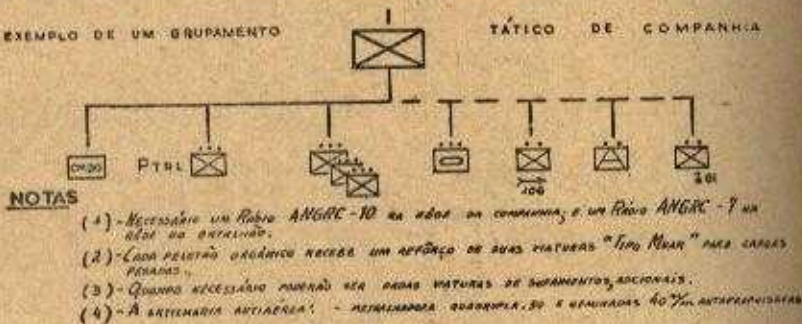


Fig. 2

reunir forças, quando necessário, mesmo enfrentando o risco de ser atacado por uma arma atômica.

O ataque combinado das duas companhias liberou os pontos 15, 16 e 17, e os grupamentos rapidamente se retrairam articulados para área de Sinbani.

O quadro desenhado na breve ação acima descrita, poderá ser o do futuro. A disponibilidade cada vez maior de armas atômicas, combinada com a possibilidade destas serem disparadas por meios mais leves e menores, obrigará as forças oponentes a articular suas forças em grupamentos cada vez menores. O resultado de tudo isto será o emprego de grupamentos táticos à base

rem em proveito da companhia, depende da missão a ser cumprida. Os grupamentos devem possuir a máxima flexibilidade. As missões a serem atribuídas a essas forças poderão ser: atacar, defender, empregar-se em um combate retrógrado; e encarregar-se da segurança e do reconhecimento.

Como as forças irão operar em extensas áreas nas guerras futuras, quer sejam atômicas ou não, elas deverão ter condições para executarem missões de segurança e de reconhecimento além das de combate. Organizar unidades especiais capazes de executar essas tarefas, como se fazia antigamente, desequilibraria as forças e diminuiria o poder combativo. A mobilidade é es-

sencial nas missões de segurança e de reconhecimento, bem como nas de combate, e as novas viaturas de transporte tipo "Muar", distribuídas aos pelotões orgânicos, aumentarão em muito a capacidade de deslocamento, porque alivia a carga do homem a pé. Tendo somente como carga um cinturão, o soldado estará em condições de marchar 6,5 km por hora. Na maioria das vezes, esta capacidade, na realidade, dará uma mobilidade maior do que a que se obteria se os homens fossem transportados em viaturas blindadas de transporte de pessoal, principalmente, se considerarmos os

com os homens helicóptero-transportados.

Mais e mais, o ataque e defesa estão se tornando semelhantes. Defesas compactas com grandes unidades constituirão um suicídio em uma guerra atômica. Uma arma atômica de capacidade não maior que 20 KT (quilo-tonelada) destruirá um grupamento tático à base de batalhão instalado em uma defesa nuclear, do tipo adotado atualmente. O comandante evitará a todo custo levar sua unidade a uma situação do tipo acima, pois é como se dissesse: "Sou um alvo atômico, destruam-me".



VIATURA DE TRANSPORTE
TIPO "MUAR MECÂNICO"

Fig. 3

problemas de suprimento de gasolina, os alvos que as instalações de suprimentos oferecem, a capacidade de transporte que tem, em homens, os helicópteros e as novas viaturas de transporte de infantaria (tipo Muar Mecânico — Fig. 3). Algumas combinações que poderão ser feitas com os elementos do grupamento mostrado na fig. 2, são vistas na fig. 4. Os carros de combate, é claro, ainda não podem, no momento, ser transportados pelo ar e, por isso, devem se ligar em terra

A missão, tanto no ataque como na defesa, será: destruir o inimigo. Ambos os lados procurarão, ao se defrontarem inicialmente, apresentar o mínimo de forças. A conduta será descobrir as concentrações inimigas, batê-las com armas atômicas (ao mesmo tempo apresentar o menor alvo possível ao inimigo), para em seguida penetrar a fundo no dispositivo e destruir os remanescentes ainda atordoados pelo ataque atômico. Isso dar-se-á tanto na ofensiva como na defensiva e signi-

fica que devem ser adotados dispositivos tão profundos quanto possíveis, na defesa e no ataque. Os grupamentos táticos deverão ficar, na maioria das vezes, dentro do alcance de apoio das armas atômicas, controladas pelo batalhão como também a uma distância em que possam ser reforçados por elementos do batalhão no caso de um insucesso. Entretanto, dando-se ao batalhão uma arma atômica com sufi-

para cinco o número de elementos subordinados, sem prejuízo do apoio e controle das ordens, de modo a atender melhor aos imperativos da guerra atômica. Por essa razão é que, nos exemplos 5 e 6, é adotado um batalhão a cinco companhias. A extensão da área atribuída ao batalhão não é dada exatamente, pelos motivos já explanados anteriormente, entretanto, ela será da ordem de 10.000 metros quadrados.

ALGUMAS COMBINAÇÕES POSSÍVEIS COM O GRUPAMENTO

ELEMENTOS DE MANOBRA	ELEMENTOS DE APOIO FOGOS	ELEMENTOS DE MANOBRA	ELEMENTOS DE APOIO FOGOS	ELEMENTOS DE MANOBRA	ELEMENTOS DE APOIO FOGOS
	770 L	+ 1 C 51 2/3 5/R + 1 M 160 5/7		+ 1 C 51 2/3 5/R + 1 M 160 5/7	+ 1 C 51 2/3 5/R + 1 M 160 5/7
				+ 1 M 160 5/7	
				+ 1 M 160 5/7	
				+ 1 M 160 5/7	

Fig. 4

ciente poder (O foguete "Honest Jonh" encarregar-se-á dessa missão, enquanto não surgir outro melhor), os grupamentos à base de companhia, poderão ser dispersados em uma extensão suficientemente grande para ficarem bem protegidos.

Os intervalos entre os grupamentos e nestes, entre os pelotões, depende, está visto, das possibilidades do inimigo, do terreno e da missão.

Os grupamentos poderão ser apoiados pelas armas atômicas do batalhão, do mesmo modo que o foi a companhia A pela artilharia em Sinbani.

BATALHÃO A 5 COMPANHIAS

Em virtude da melhoria dos meios de controle, pode-se atualmente, aproveitando o mesmo pessoal de administração e comando, aumentar

No ataque (fig. 5), em virtude de sabermos a exata localização das forças inimigas, podemos batê-las com armas atômicas de escalão batalhão ou superior. Entretanto, não devemos nos esquecer que essas forças poderão mudar constantemente de posição. Neste tipo de operação, o combate será caracteristicamente em campo raso. Grupamentos à base de companhias, menos os carros, ou grupamentos à base de pelotões, serão deslocados em helicópteros para isolar unidades inimigas do 1º escalão, até que estas possam ser reduzidas. Os elementos aerotransportados poderão, perfeitamente, atacar o inimigo pela retaguarda, ao mesmo tempo que este é atacado de frente. Quando os elementos de contra-ataque do inimigo forem reunidos, serão batidos com armas atômicas. Os objetivos dos batalhões serão relativamente amplos, em conse-

quência da grande dispersão inimiga, e da larga zona em que será articulado o batalhão. Depois de um ataque bem sucedido, o batalhão deverá tomar um dispositivo de proteção, enquanto estiver no con-

MAIOR PROFUNDIDADE DA DEFESA

Na defensiva, as unidades de todos os escalões serão dispostas em muito maior profundidade do que atualmente. O comandante do ba-

GRUPAMENTOS DE COMPANHIA, NO ATAQUE

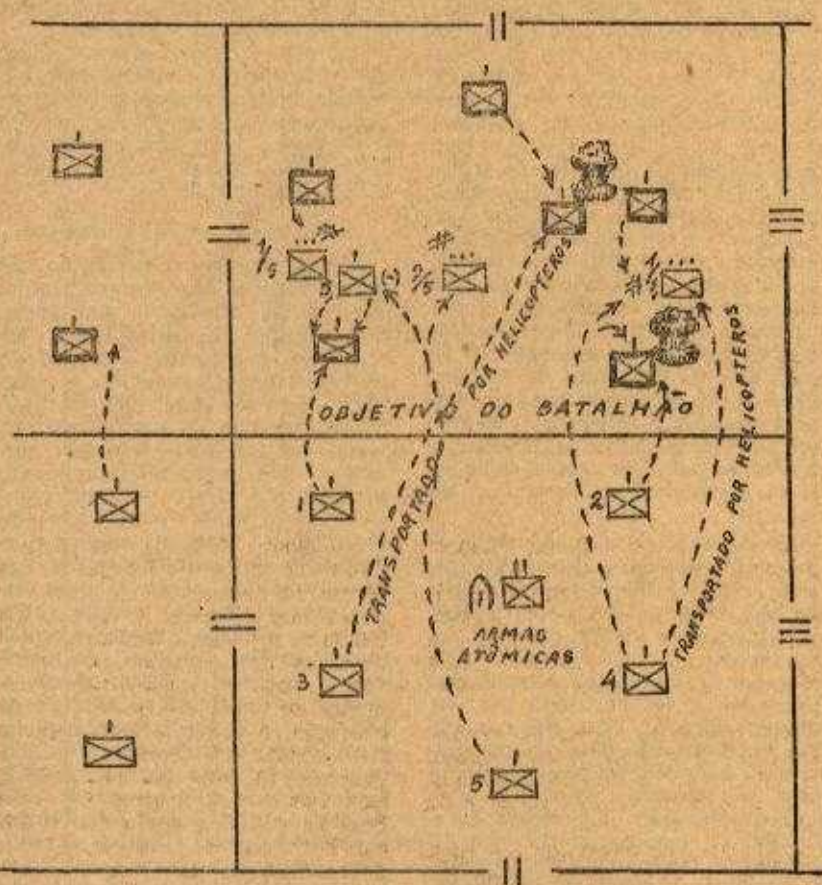


Fig. 5

trôle da área. A combinação do fogo com o movimento ainda será o processo de combate adotado. Os grupamentos só serão reunidos quando isto for necessário, para superar uma posição inimiga.

talhão será o responsável pela destruição das forças inimigas que penetrarem na sua zona. Caso não o consiga, deverá pelo menos detê-las, para que sejam destruídas por um contra-ataque determinado

pelo comando superior. Para cumprir sua missão, o batalhão empregará ações combinadas defensivas, ofensivas e retrógradas, apoiadas por armamento atômico.

Tendo sempre em mente o princípio segundo o qual deve apresentar, de início, ao atacante, o mínimo de forças, o batalhão empregará em 1º escalão, inicialmente, 2 grupamentos à base de companhia (fig. 6). Esses grupamentos prepararão posições de bloqueio em terreno favorável (B fig. 6), e enviarão o grosso do seu efetivo, à frente, escalonando-o em grupamentos menores (A fig. 6), com a missão de hostilizar o inimigo com tiros longínquos, inclusive de armas atômicas, com o intuito de causar baixas e obrigá-lo a se agrupar, tornando-se, em consequência, um alvo atômico. Os grupamentos-reserva, poderão ser empregados, seja para atacarem nesta ocasião, com apoio de armas atômicas, seja para ocuparem as posições de bloqueio (C figura 6). Os elementos de 1º escalão deverão se retrair rapidamente, para posições à retaguarda, no momento em que o armamento atômico for empregado; os grupamentos-reserva completarão a destruição do inimigo.

Os comandos dos grupamentos à base de batalhão e de companhia, terão relativa liberdade na defesa de sua área, ao invés de ficarem "amarrados" a determinado trecho do terreno. Se uma unidade permanecer muito tempo em uma área, arrisca-se a ser destruída por um ataque atômico. Se o atacante for tão forte que não dê outra alternativa ao batalhão, os grupamentos à base de companhia, deverão ocupar uma combinação de posições (C e D, fig. 6), no interior da zona do batalhão. O abandono das posições depende do sucesso dos contra-ataques acionados pelo escalão superior ou de uma ordem. Uma vez que o atacante entra em combate cerrado com o defensor, este deve procurar manter o contato, porque, desse modo, o inimigo não arriscará a empregar armamento atômico, para não pôr em risco suas próprias forças.

Há uma série de considerações que poderiam ser tecidas em torno da conduta no ataque e na defesa dos grupamentos à base de companhias. A aviação trabalhará intimamente ligada aos grupamentos, para informar sobre o inimigo ou acerca de nossas tropas. Pequenos helicópteros de reconhecimento-desmontáveis, transportados em reboque de 1/4, poderão ser orgânicos do batalhão, para serem empregados com as companhias isoladas.

O alcance, peso e características dos rádios para comunicações em terra e ligação terra-ar, deverão ser melhorados para garantir o controle e coordenação dos grupamentos isolados e assegurar o desencadeamento dos fogos de apoio.

SUPRIMENTO E EVACUAÇÃO

O suprimento e a evacuação nos grupamentos à base de companhia, poderão ser resolvidos, em parte, pelo emprêgo de helicópteros. Na realidade, entretanto, o grosso do tráfego, entre a companhia e o batalhão, será por terra. Na execução da evacuação e do suprimento por terra, muitas vezes ocorrem encontros com elementos inimigos infiltrados nas vias de comunicações entre a companhia e as fontes de suprimento. Este fato exigirá a organização de pequenos elementos de suprimentos, embarcados em viaturas-transporte de pessoal, blindadas, e suficientemente armados para garantir a chegada de suprimentos à frente, assim como a evacuação dos feridos. Quando os helicópteros forem empregados na evacuação, os feridos serão transportados diretamente para as instalações de saúde que estiverem localizadas o mais longe do inimigo. É possível que as cozinhas e refeições quentes preparadas à retaguarda, constituam um assunto superado, pois elas se tornaram uma sobrecarga à mobilidade dos pequenos grupamentos táticos. Rações similares à atual 10-1, permitirão que as refeições distribuídas sejam aquecidas por frações ou equipes. Pessoal de cozinha fixa, deverá ser posto à disposição dos elementos de suprimento.

O tipo de guerra fluida, apresenta ao comandante de pequena unidade, oportunidades ilimitadas de manobrar, de iludir o inimigo e de tomar iniciativa. As ordens tipo "Liberdade de ação" dadas a uni-

dades de escalão companhia, significam: ampla iniciativa aos subordinados e a existência de comandantes de pequenas unidades competentes.

GRUPAMENTOS DE COMPANHIA, NA DEFENSIVA

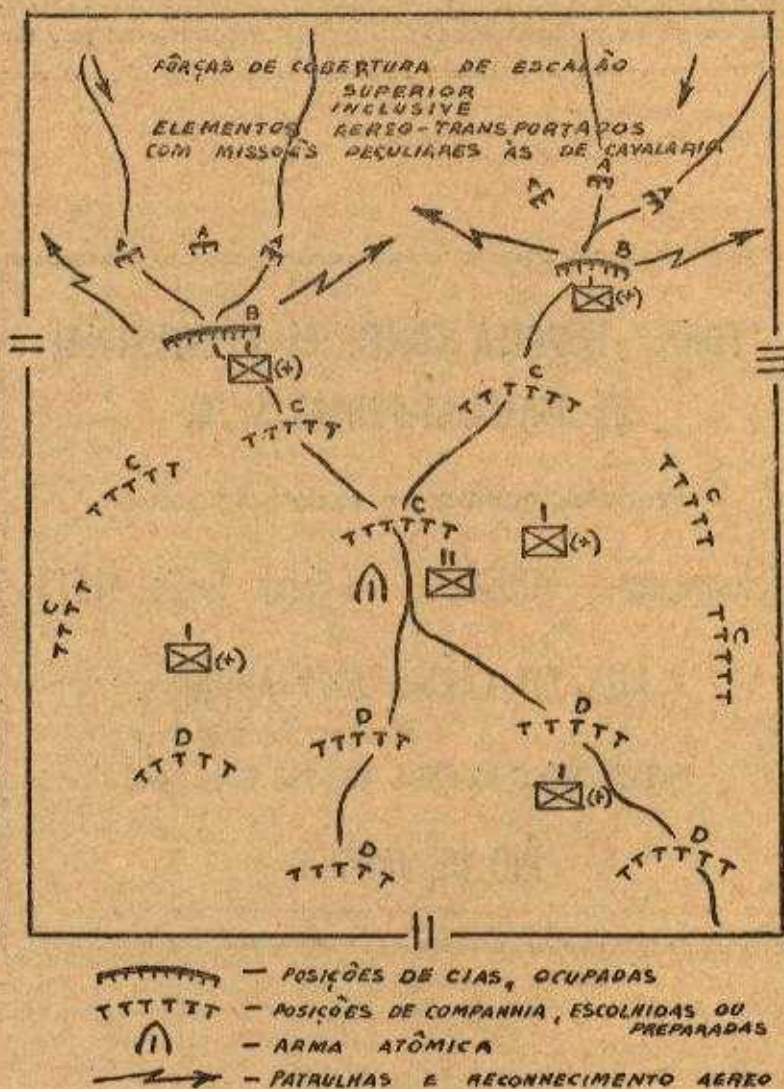


Fig. 6

Provavelmente, o maior problema que enfrentamos hoje, nessa guerra de pequenas unidades, reside na exigência de flexibilidade de raciocínio em todos os escalões. Ao comandante de pequena unidade deverá ser dada a responsabilidade da missão, os meios necessários para execução e liberdade para executá-la. O investimento da responsabilidade e a delegação da autoridade, deverá ser praticada diária-

mente. De outro modo nada funcionará quando houver uma ação real — Os comandos de todos os escalões (Regimento, Divisão, Corpo) devem estar convictos de que em uma situação fluida, estarão demasiadamente ocupados com suas tarefas, para se preocuparem com companhias. *A era da guerra dos comandantes de pequenas unidades chegou — Preparemo-nos para ela!*

**"FONTE" EMPRESA COMERCIAL E INDUSTRIAL
DE MATÉRIAS-PRIMAS S. A.**

Produtos químicos e matérias-primas

Telegramas: "SOURCE" — Caixa Postal 1513

RUA DO CARMO 6-7º ANDAR

TELEFONES 42-8564, 42-5995 E 42-7445

RIO DE JANEIRO